



Crise nas Ciências e na Psicologia: críticas de Edmund Husserl e de Farias Brito

Gabriel Fonseca Rezende¹
Tommy Akira Goto²

Resumo: A Psicologia, enquanto uma reflexão sobre a alma, é uma disciplina ocidental milenar. A psicologia moderna, influenciada pelo método cartesiano e, depois, pelo anseio de ser reconhecida como ciência natural, se separou da filosofia e se constituiu como ciência experimental. Todavia, a transposição do método científico-natural para a investigação psicológica acarretou diversos problemas metodológicos e epistemológicos, devido à natureza de seu objeto: a alma. A Psicologia que antes sondava os mistérios e a complexidade qualitativa da alma humana, passou a se ocupar com a mensuração das experiências internas e dos estados de consciência. Diante desse cenário, este estudo visou evidenciar a denominada “crise” das ciências e da humanidade, decorrentes do positivismo-naturalismo, e a denominada “crise” da ciência psicológica, como apontado por Edmund Husserl e Farias Brito, juntamente com suas críticas à Psicologia científica. Para isso, a pesquisa realizada foi teórico-qualitativa, baseando-se na filosofia fenomenológica e na filosofia de Brito, seguindo os procedimentos metodológicos da pesquisa teórico-bibliográfica. Foram analisados os textos “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental – Introdução à Fenomenologia” (E. Husserl) e o “Mundo Interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito” (F. Brito). Da análise dessas obras filosóficas, conclui-se a existência de convergências nas críticas à Psicologia Científica, por ambos denunciarem o equívoco da transposição direta do método científico-positivista para a Psicologia, impossibilitando o acesso à subjetividade e ao estudo da totalidade do humano. Em contraposição, tanto Husserl, quanto Farias Brito apresentam a necessidade de uma “nova ciência psicológica”: a Psicologia Fenomenológica e a Psicologia Transcendente, respectivamente, o que requer novos estudos.

Palavras-chave: crise da ciência; crise da psicologia; Edmund Husserl; Fenomenologia Transcendental; Farias Brito.

Crisis in Sciences and Psychology: criticisms by Edmund Husserl and Farias Brito

Abstract: Psychology, traditionally a reflection on the soul, is a millennia-old Western discipline. Modern psychology, influenced by the Cartesian method and, later, by the desire to be recognized as a natural science, separated itself from philosophy and constituted itself as an experimental science. However, the transposition of the natural-scientific method to psychological investigation introduced numerous methodological and epistemological challenges due to the nature of its object of study: the soul. Previously focused on exploring the mysteries and qualitative complexity of the human soul, Psychology shifted to measuring internal experiences and states of consciousness. Given this scenario, this study aims to illuminate the so-called “crisis” in sciences and humanity arising from positivism-naturalism, and the specific “crisis” in

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Bacharel em Psicologia (UFU), Graduado em Gestão Financeira pela Barão de Mauá. E-mail: gabriel.rezende@ufu.br.

² Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos. Membro do GT de Fenomenologia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), membro-colaborador e coordenador Brasil do Círculo Latino-Americano de Fenomenologia (CLAFEN) e membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos (SIEH) e professor de pós-graduação e de graduação (UFU). E-mail: tommy@ufu.br.

psychological science, as pointed out by Edmund Husserl and Farias Brito, along with their critiques of Scientific Psychology. The research undertaken was theoretical-qualitative, grounded in phenomenological philosophy and Brito's philosophy, adhering to theoretical-bibliographic research methods. Central texts analyzed were "The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology – An Introduction to Phenomenology" by Husserl and "Inner World: an essay on the general data of the philosophy of the spirit" by Brito. The analysis of these philosophical works concludes that there are convergences in their criticisms of Scientific Psychology, particularly their denunciation of the direct transposition of the positivist-scientific method to Psychology, which obstructs accessing subjectivity and studying the entirety of the human being. Contrarily, both Husserl and Farias Brito propose the need for a "new psychological science": Phenomenological Psychology and Transcendent Psychology, respectively, calling for further studies.

Keywords: science crisis; psychology crisis; Edmund Husserl; Transcendental Phenomenology; Farias Brito.

Crisis de las ciencias y la psicología: críticas de Edmund Husserl y Farias Brito

Resumen: La psicología, como reflexión sobre el alma, es una antigua disciplina occidental. La psicología moderna, influenciada por el método cartesiano y, posteriormente, por el deseo de ser reconocida como ciencia natural, se separó de la filosofía y se constituyó en una ciencia experimental. Sin embargo, la transposición del método científico-natural a la investigación psicológica provocó varios problemas metodológicos y epistemológicos, debido a la naturaleza de su objeto: el alma. La psicología, que anteriormente investigaba los misterios y la complejidad cualitativa del alma humana, comenzó a centrarse en medir las experiencias internas y los estados de conciencia. Ante este escenario, este estudio tuvo como objetivo resaltar la llamada "crisis" de la ciencia y la humanidad, resultante del positivismo-naturalismo, y la llamada "crisis" de la ciencia psicológica, como lo señalaron Edmund Husserl y Farias Brito, juntos, con sus críticas a la Psicología científica. Para ello, la investigación realizada fue teórico-cualitativa, basada en la filosofía fenomenológica y la filosofía de Brito, siguiendo los procedimientos metodológicos de la investigación teórico-bibliográfica. Se analizaron los textos "La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental – Introducción a la fenomenología" (E. Husserl) y "Mundo interior: ensayo sobre datos generales sobre la filosofía del espíritu" (F. Brito). Del análisis de estas obras filosóficas se concluye que existen convergencias en las críticas a la Psicología Científica, pues ambas denuncian el error de transponer directamente el método científico-positivista a la Psicología, dificultando el acceso a la subjetividad y al estudio de la totalidad de la realidad humana imposible. En cambio, tanto Husserl como Farias Brito plantean la necesidad de una "nueva ciencia psicológica": la Psicología Fenomenológica y la Psicología Trascendente, respectivamente, lo que requiere de nuevos estudios.

Palabras clave: crisis científica; crisis psicológica; Edmundo Husserl; Fenomenología Trascendente; Farias Brito.

1 Introdução

A Psicologia (ver nota 1) enquanto reflexão sobre a alma é uma sabedoria e disciplina ocidental milenar. Desde que o ser humano começou a questionar a respeito da presença e sentido de uma alma, sobre aquilo que está para além de um corpo, pode-se dizer que a "psicologia" começou a existir. Com os filósofos gregos, a Psicologia definitivamente apareceu na tarefa de analisar racionalmente a alma (*psychê/Ψυχή*) e o

espírito (pneuma/πνευμα), permeando o itinerário do pensamento humano ao produzir diversas discussões sobre sua origem, natureza, relação com o corpo, até desembocar nas ideias de subjetividade e consciência que permeiam o itinerário do pensamento humano (Goto, 2015; Heidbreder, 1981).

Dentre as produções do conhecimento humano estão a filosofia e a ciência, que se posicionaram de maneira distinta sobre o mesmo objeto. Apesar da filosofia ter possibilitado o aparecimento da ciência positiva, essa, por fim, realizou grandes feitos tecnológicos, ampliando o domínio humano sobre a matéria física por ter adquirido um método que permitiu o entendimento de várias relações causais. “O resultado do desenvolvimento consequente das ciências exatas na Modernidade foi uma verdadeira revolução no domínio técnico sobre a natureza” (Husserl, 1935/2008, p. 13). Por isso, as ideias positivistas ganharam espaço e apoio nas universidades, influenciando o pensamento humano e as produções intelectuais.

Em pleno desenvolvimento do ideal positivista, o conhecimento sobre o ser humano e a subjetividade também foram impactados, haja vista que o método científico-experimental passou a ser utilizado também na Psicologia e em outras disciplinas filosóficas (Goto, 2015). A apropriação do método científico conduziu, por fim, a independência da Psicologia em relação à Filosofia e, assim, a Psicologia passou a estudar seu objeto – a alma, desvinculado de qualquer aspecto subjetivo-metafísico (Brito, 1914/2013). No entanto, a transposição do método científico sem um cuidado epistemológico e uma análise crítica apenas motivada na “*prosperity*” da ciência positiva fez, pelas próprias premissas do método científico, com que a Psicologia se distanciasse da subjetividade. Cabe lembrar que, enquanto uma filosofia, o positivismo se iniciou como uma reflexão sobre a ciência, mas que, no final, passou a entender que sua tarefa filosófica estava em ser uma “teoria da ciência” (Marías, 1982). Esse posicionamento positivista acabou derivando um materialismo e um naturalismo filosófico, cujas bases se inspiram nas ciências naturais.

Pesquisadores como I. Pavlov (1849-1936), E. Thorndike (1874-1949), J. Gall (1758-1828), G. Fechner (1801-1889) preparam o terreno para a aproximação da Psicologia com a ciência positivista. Wilhelm Wundt (1832-1920) simbolizou a concretização desse projeto por ter fundado um laboratório de estudos psicológicos com base na psicofisiologia (Goto, 2015). A Psicologia então se tornou científica e, assim, menos humana, menos subjetiva (Brito, 1914/2013; Husserl, 1954/2012), ao adotar o ideal

positivista, portadora de um objetivismo naturalista. Anos depois, com J. Watson (1878-1958) e B. F. Skinner (1904-1990), o Behaviorismo reforçou ainda mais essa aproximação ao ter por premissa que a consciência e a subjetividade não eram objetos da Psicologia, mas apenas o comportamento (Almada, 2008).

Embora o pensamento científico-positivista tenha sido triunfante entre os acadêmicos e alguns intelectuais, outros se posicionaram contrariamente apresentando análises com embasamentos profundos ao observarem o impacto que essa ideologia causou e ainda poderia causar. Dentre esses intelectuais³, cujos empenhos e esforços estiveram em encontrar a superação do positivismo, podemos citar o filósofo Edmund Husserl (1859-1938), o fundador da Fenomenologia Transcendental e o filósofo Raymundo de Farias Brito (1862-1917), considerado por muitos como um dos maiores filósofos brasileiros.

Assim, diante do advento e do progresso do positivismo, entendemos o quão é importante analisar as críticas iniciais à Psicologia científica feitas por esses filósofos insígnies a fim de compreender a motivação dela enquanto ciência positivista, seus problemas epistemológicos na transposição do método experimental para a investigação do psíquico, conseqüentemente, da subjetividade. Desse modo, temos como objetivo desse estudo evidenciar a denominada “crise” das ciências e da humanidade, decorrentes do positivismo-naturalismo, e a denominada “crise” da ciência psicológica, tais como denunciadas por Edmund Husserl e Farias Brito, bem como as críticas de ambos à Psicologia Científica. Cabe ressaltar que o valor da Psicologia científica é inegável para os dois autores, mas como Husserl disse: “é da remoção dessas falhas [método psicológico experimental] que dependerá necessariamente, [...] a elevação da psicologia a um nível científico mais alto e uma ampliação extraordinária de seu campo de trabalho” (Husserl, 1913/2006, p. 26).

De posse do problema de estudo, partimos então para o levantamento e análise teórico-bibliográfica de modo a possibilitar a investigação desse objeto. Desse modo, definimos como textos base: “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental – Introdução à Fenomenologia Transcendental” (*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*, 1954/2012) de Edmund Husserl e o “Mundo Interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito” de Farias Brito (1914/2013), que

³ Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Franz Brentano (1838-1917) foram dois exemplos.

consideramos importantes pela discussão que os filósofos trazem em relação ao problema de pesquisa. Seguimos assim a leitura exploratória e crítica, comparando os textos citados com a literatura científica relacionada ao tema, com o objetivo de delimitar uma síntese integradora como possível solução da questão (Lima; Miotto, 2007). Ainda, para uma melhor compreensão e contextualização dos conceitos na temática da pesquisa, também foram consultados os comentadores dos filósofos.

2 Da Alma à Consciência: a constituição da Psicologia Científica

Sobre a questão histórica da “Psicologia”, podemos identificar sua aparição, como área de investigação reflexiva, ligada ao surgimento da Filosofia com os gregos (Cerqueira, 2008; Heidegger, 1981) e cujo interesse estava acerca da reflexão sobre a alma. A antiguidade grega foi um período decisivo para consolidação de ideias primordiais que motivaram aquilo que viria ser a “ciência do psíquico”, haja vista os muitos estudos formulados sobre a alma (Goto, 2015). O filósofo grego Sócrates (469 a.C. – 399 a.C.), por exemplo, baseou seu pensamento a partir da máxima: “Conhece-te a ti mesmo”, de modo que o conhecimento de si, ou seja, do próprio humano constituiu o centro de sua filosofia. “Pois eu, atenienses”, escreve Platão (1999) ao colocar essas palavras na boca de Sócrates, “devo essa reputação exclusivamente a uma ciência. Qual vem ser a ciência? A que é, talvez a ciência humana” (p. 65). Com esse testemunho de Platão, podemos identificar que para Sócrates, e diferentemente dos primeiros filósofos naturalistas (*physis*), o importante na reflexão filosófica está na busca pela essência do humano, principalmente a partir de sua alma (*psyché*) (Reale, 2007). A partir de então, a Filosofia subsequente passou a se conceber como a “ciência do espírito humano” e não mais sobre a natureza (*physis*) e existência das coisas (Rodrigues, 2018).

Após o período grego e com o advento do Cristianismo, a fé cristã ganhou relevância nas reflexões filosóficas, tanto na proposição de ideias quanto na repressão das contrárias aos dogmas religiosos. Santo Agostinho (354-430), por exemplo, representante da igreja cristã, discorreu sobre a autoconsciência como fundamento para a conversão de um indivíduo (Almada, 2008). Basta lembrarmos da busca pela interioridade de Agostinho (1987, XXXIX, 72) quando afirmou: *Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas* (“Não saias fora de ti, volta-te a ti mesmo; a verdade habita no homem interior”). Outrossim, se enaltece o “Conhece-te a ti mesmo” com o cogito agostiniano “Se

me engano, existo” (Brito, R.H.S., 2006).

Todavia, a coibição por parte do clero dos pensamentos críticos e filosóficos incitou ainda mais um movimento que visava dissociar a filosofia da religião. Em consequência, reforçou-se uma aversão a qualquer aspecto doutrinal e, portanto, os estudos da natureza ganharam corpo segundo um ponto de vista mais materialista (Brito, 1914/2013). Galileu Galilei (1564-1642) foi um dos grandes expoentes da filosofia natural, visto que com ele o pensamento matematizante foi mais bem elaborado, o que promoveu uma revolução de paradigmas (Goto, 2015). A ciência matematizante paulatinamente tomou o posto da religião como instituição que revela a realidade (Mulinari, 2015).

Houve ainda o impacto das ideias empiristas e a prevalência do método indutivo sobre o dedutivo, decorrente da filosofia de Francis Bacon (1561-1626) (Micheli & Torres, 2015) e da dicotomia epistemológica entre corpo e alma (subjetivo/objetivo), como concebido em René Descartes (1596-1650) (Husserl, 1954/2012). Segundo Husserl (1954/2012), Descartes inaugurou um pensamento basilar para a modernidade, já que o método cartesiano abriu ao mesmo tempo portas para a subjetivismo e o formalismo físico-matemático, e, portanto, para a possibilidade de se realizar uma cisão entre essas duas instâncias.

O filósofo David Hume (1711-1776) concretizou essa ruptura cética naquilo que Descartes denominou de *res extensa* (o mundo exterior ou material) e de *res cogitans* (mundo interior ou psíquico), visto que para ele não há matéria nem espírito, mas somente “fenômenos da sensibilidade”. O ceticismo de Hume ensejou outras duas vertentes que mantiveram a divisão entre a subjetividade e a objetividade: o criticismo de Kant, para quem era impossível conhecer a realidade em si, restando apenas estabelecer os limites da razão; e o positivismo de Comte, para quem apenas os fenômenos empíricos poderiam fornecer conhecimento ao se estabelecer leis demonstradas por eles mesmos (Rodrigues, 2018).

Essas ideias epistemológicas contribuíram para o pleno desenvolvimento da chamada “Revolução Científica” (Hall, 1983; Henry, 1998), “cujos frutos oitocentistas são o positivismo e o naturalismo” (Brito, R.H.S., 2006, p. 05). O pai do positivismo, o filósofo Augusto Comte (1798-1857), era “partidário de uma visão fenomênica do mundo, na qual nossos conhecimentos são limitados a fenômenos, e onde toda e qualquer possibilidade de transcendência é eliminada” (Brito, R.H.S., 2006, p. 02). Afinal, para ele “a subordinação constante da imaginação à observação foi unanimemente reconhecida

como a primeira condição fundamental de toda especulação científica sadia” (Comte, 1848/1978, p. 130).

O positivismo então fortaleceu as ideias naturalistas, visto que para ele o limite do conhecimento se encontra dentro dos limites da natureza (Brito, R.H.S., 2006). Diante dessas influências, o método dominante de investigação filosófica da realidade passou a ser o método matemático-experimental-indutivo (ou o método positivo) na Modernidade (Teza, 2015). Assim, a Filosofia, enquanto “ciência do espírito”, não passou imune à matematização da representação do mundo que se destacou no período renascentista com a filosofia natural (Henry, 1998) e sofreu bastante influência da onda materialista subsequente, cujo discurso era o de que apenas poderia existir “ciência do espírito” para quantificar as sensações e a consciência (Almada, 2008). Dessa forma, a descrição da subjetividade e a introspecção para o conhecimento de si foram paulatinamente desprezadas em detrimento às mensurações, principalmente pela consolidação do positivismo como uma filosofia científica.

Na intenção de se libertar da metafísica filosófica, almejando entrar no rol das ciências naturais, tal como preconizada pela filosofia positivista, a Psicologia no século XIX foi incorporando o método científico sem críticas, sem desenvolver uma metodologia própria e sem delimitar o próprio objeto (Costa; Goto; Holanda, 2018). Consequentemente, com esse viés no pensamento psicológico filosófico, vislumbrou-se a possibilidade de previsibilidade do humano e, portanto, de controle com os procedimentos estatísticos (Castro; Gomes, 2015), determinando assim a sua consolidação como ciência psicofísica. Ao mesmo tempo a visão antropológica do humano foi impactada pelo mecanicismo fisicalista e pelo determinismo natural (Santos, 2011).

Além disso, o sucesso do método experimental nas ciências positivas, como a Química e a Física (Brito, 1914/2013; Heidbreder, 1981; Misiak, 1969); a modificação da relação do homem com o mundo possibilitada pelo amplo avanço tecnológico (Husserl, 1935/2008); e a pesquisa de vários outros estudiosos corroboraram para o surgimento dessa então “nova ciência”, dentre eles I. Pavlov (1849-1936), E. Thorndike (1874-1949), J. Gall (1758-1828), G. Fechner (1801-1889), entre outros. Nesse interim, a formação de uma “Psicologia Científica” ganha corpo e força, à qual caberia aos psicólogos destrinchar por meio de experimentos objetivo-empíricos a consciência (*Alma*) e os seus efeitos (Almada, 2008; Heidbreder, 1981; Rodrigues, 2018).

Dessa forma, como é contado nos registros históricos acampados da concepção

tradicional de ciência, o ano de 1879 passou a ser o ano em que a Psicologia se tornou independente da Filosofia, marcado pela inauguração do primeiro laboratório psicológico na Universidade de Leipzig de Wilhelm Wundt (1832-1920) (Heidbreder, 1981; Araujo, 2009; Goto, 2015). Mesmo que já existisse “um projeto de psicologia desde os primórdios da filosofia moderna, a emancipação da psicologia em relação à filosofia ocorreu fundamentalmente pela incorporação do modelo científico-natural às suas investigações” (Goto, 2015, p. 170). Como médico-fisiologista e criador da Psicofisiologia, a importância inicial de Wundt influenciou que os processos psicológicos fossem mensurados e quantificados (Castro; Gomes, 2015).

Aproveitando-se dessa guinada da metafísica ao psicofísico, o Behaviorismo ganhou destaque na primeira metade do século XX, com J. Watson (1878-1958) e B. F. Skinner (1904-1990), sendo desenvolvido a partir da explicação do comportamento e da aprendizagem humana pelos princípios evolucionistas da adaptação do organismo ao ambiente (Heidbreder, 1981). Watson, em seu artigo que fundou o “behaviorismo” como um novo movimento psicológico nos EUA nos anos 1913, nos diz que “é preciso encontrar algum tipo de acordo: ou a psicologia precisa mudar seu ponto de vista, de forma a aceitar os fatos do comportamento, tenham ou não relações com os problemas da ‘consciência’, ou o comportamento precisa ficar sozinho como uma ciência inteiramente separada e independente” (Watson, 1913 *apud* Herrnstein; Boring, 1971). Nesse sentido, Almada (2008, p. 75) destaca que o Behaviorismo foi “a posição mais marcante quanto à enunciação dos princípios básicos da Psicologia experimental” e com isso passou a ser considerada como a Psicologia.

Giorgi (1978) afirma que a história da Psicologia foi contada sob um viés de linearidade como se fosse um fenômeno unitário, porém, segundo ele, isso não condiz com a realidade. “A história da Psicologia mostra uma variedade de influências de muitas áreas e apresenta também uma diversidade de linhagens que podem ou não ter sofrido influências mútuas” (p. 34). Destarte, o autor mostra que não houve a aceitação plena da Psicologia Científica, já que outros pensadores se mantiveram em bases filosófico-metafísicas, tais como Wilhelm Dilthey (1833-1911), Franz Brentano (1838-1917), Eduard Spranger (1882-1963), William Stern (1871-1938) e William McDougall (1871-1938), que em suas maneiras advogaram no todo ou em partes a Psicologia como ciência humana.

Com o século XX em pleno desenvolvimento científico, houve “uma multiplicação de acepções de Psicologia científica” e a Psicologia passou a ser uma ciência de

conhecimento plural, pertencendo ao “gênero da epistemologia pluralizada” (Abib, 2009, p. 196). Goto (2015, p. 175) conjectura que pelo objeto da Psicologia ser “o psíquico, demasiadamente complexo, sua metodologia não o absorveu totalmente, sempre possibilitando novos estudos e novas conclusões, em um movimento de aceitação e refutação dos resultados”.

Mas, afinal, o que entenderam os psicólogos por “fenômenos psíquicos”? W. Wundt (1900/2004) em seu “Compêndio” nos diz que, apesar de coexistirem duas definições de Psicologia, a saber, como ciência da alma (sentido metafísico) e como ciência da experiência interna (sentido empírico-metafísico), que resultam nas expressões “experiência interna” e “experiência externa”, a Psicologia ao integrar-se à ciência natural possuirá a mesma interpretação da experiência, constituindo então uma ciência da experiência imediata (consciência). Enquanto F. Brentano (1874/1935), seguindo outra referência de ciência psicológica também distingue dois tipos de experiência: a física e a psíquica. No entanto, Brentano mostra que a experiência psíquica é percebida pelos fenômenos psíquicos que, diferentemente dos fenômenos físicos, não possuem extensão, mas são caracterizados pela “inexistência intencional” de um objeto, ou seja, pela sua intencionalidade. Essa intencionalidade pode ser entendida de tal modo em que todo fenômeno psíquico contém em si algo como seu objeto, ou seja, na representação há algo representado, no pensar há algo pensado etc.

São dois primeiros posicionamentos diferentes, mas que demonstram que o entendimento do fenômeno psíquico estava pautado no fenômeno físico, seja igualando certas condições ou distinguindo-as. Assim, temos em Wundt a aceitação da causalidade mecânica governada pela causalidade psíquica, enquanto em Brentano atribui uma causalidade final, marcada pela liberdade (Husserl, 1954/2012). Assim, crer, lembrar, desejar, amar, odiar, imaginar, emocionar-se, a liberdade no agir, sentir, perceber etc., são por excelência fenômenos psíquicos e não são mecanicamente explicáveis na totalidade (Brito, 1914/2013; Husserl, 1954/2012; Rodrigues, 2018).

Outras posições sobre o psíquico apareceram, a maioria delas mantendo os posicionamentos iniciais de Wundt e Brentano. Edmund Husserl, contudo, se situou para além dos limites da ideia de experiência (Goto, 2015) e a elaborou como vivência, como algo mais amplo que a experiência empírica. Assim, Husserl, seguindo as análises psicológicas de seu mestre F. Brentano, compreendeu as vivências psíquicas em distinção com o físico e que consistem na vivência das atividades da consciência, compreendida

como entrelaçamento das vivências psíquicas numa unidade. Todavia, as vivências, em um sentido fenomenológico, devem ser pensadas de modo a excluir tudo que diz respeito à existência físico-empírica (Husserl, 1901/2012). Na vivência há um fluxo contínuo de vivências de consciência que ora aparece, ora desaparece, ora pode aparecer concomitantemente, ora pode aparecer dissociadamente, pode ainda repetir como recordação, como podem vislumbrarem um futuro, e, por isso, é totalmente impossível mensurar, apenas descrever (Husserl, 1911/1965).

Assim, vemos que a transposição dos métodos experimentais utilizados nas investigações da natureza para o estudo dos fenômenos psíquicos promoveu a motivação de diversas críticas, entre as quais as de Husserl (1954/2012) na Alemanha, mas também de Brito (1914/2013) no Brasil. Farias Brito, também frente as questões epistêmicas, realiza críticas à Psicologia científica semelhantes à Husserl (Sturm, 1962)⁴, mesmo sem ter tido nenhum contato (direto e nem indireto) com a Fenomenologia de Husserl (Almada, 2009). Para o filósofo brasileiro, a mera utilização do método experimental pela Psicologia originou uma “Psicologia sem alma” (Brito, 1914/2013).

Nesse sentido, entendemos que as contribuições dos dois filósofos sobre a temática, sendo essas críticas semelhantes em alguns aspectos, já exploradas pelos autores Sturm (1962), Brito, R. H. S. (2006), Almada (2009), Cerqueira (2008) e Rodrigues (2018), mostram que os dois pensadores foram decisivos em contextos diversos à crítica ao positivismo psicológico e suas consequências.

3 A crise das ciências e a crise da Psicologia por Edmund Husserl

Para entender a crítica de Edmund Husserl às ciências e, conseqüentemente, à Psicologia Científica, é imprescindível destacar o que ele entendeu por “ciência”. Para o fenomenólogo, a ciência é compreendida como aquela que valoriza a intuição primeira e a que se destina à obtenção de um saber autenticamente rigoroso (Husserl, 1954/2012). Vargas (2019) afirma que, para o pai da Fenomenologia, a visão de “ciência” se aproximou inicialmente de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) no que tange a ser uma posição fundamentada em uma demonstração, que “nenhum conhecimento isolado pode ser um conhecimento científico, pois a ciência exige a inclusão do conhecimento em um sistema

⁴ Entramos em contato com a Columbia University Libraries para solicitar a tese de doutorado de F. Sturm, porém devido à Pandemia apenas foi possível o envio do índice e da introdução.

unificado de fundamentações” (p. 53). Como se sabe, para Aristóteles (1969), a ciência está relacionada ao conhecimento acerca de certos princípios e causas, sendo a ciência superior àquela que se ocupa com as causas primeiras. Essa ciência superior é a Metafísica, ou a Filosofia primeira, que, na concepção de Aristóteles, serve de fundamento para a Física, no interior da qual se incluem os estudos sobre a alma (Aristóteles, 1995).

A ciência em sentido moderno compreende o mundo como encerrado em si mesmo e os cientistas buscam, então, descrever regularidades que dependem das circunstâncias de um mundo idealizado (Goto, 2015). O parâmetro galileano das ciências, isto é, a concepção de que toda a realidade poderia ser compreendida pelo método físico-matemático, significou uma abstração realizada pela ciência do mundo concreto para um mundo de abstrações. Esse mundo de abstrações é pensado como um sistema de causalidades fechado em si mesmo. A concepção da essência da natureza como matematizável gerou uma cisão entre o mundo da natureza e o mundo espiritual que, por sua vez, produziu um dualismo entre as ciências da natureza e a psicologia, como ciência do mental.

Nesse sentido, Husserl (2009) adverte, portanto, sobre a ingenuidade dos pesquisadores ao considerarem o mundo em si por adquirido, restando, por isso, apenas compreendê-lo. Ainda, cabe ressaltar que Husserl, mesmo tendo formação científica, foi um crítico das ciências, pois, em sua constante análise, as ciências permaneciam em um estado de imperfeição por não possuírem clareza e fundamentação de suas próprias bases. Em 1911, no artigo “Filosofia como ciência de rigor”, afirmou que:

Imperfeitas, são-no todas as ciências, mesmo as muito admiradas ciências exatas. Por um lado, são incompletas, como horizonte infinito de problemas a solucionar diante delas, que nunca deixarão descansar o impulso epistemológico; por outro lado, há vários defeitos na sua doutrina já formada, aparecendo por vezes restos da obscuridade ou imperfeições na ordem sistemática das provas e das teorias (Husserl, 1911/1965, p. 03).

Na compreensão dos objetos e dos fatos, segundo o pensamento meramente científico, deve-se eliminar qualquer subjetividade e, por isso, nem os sujeitos nem o pesquisador são tematizados nas investigações (Husserl, 1935/2008). Sendo assim, a crença da ciência objetivista de que o campo objetivo é o universo existente cria uma espécie de misticismo cujo qual há a absolutização de um saber particular, ou seja, a parte vira o todo a tal ponto que não se consideram nem a subjetividade criadora da ciência (Husserl, 1954/2012). Para o fenomenólogo, as ciências modernas cometem um grande

equivoco quando excluem ingenuamente qualquer elemento subjetivo em nome do objetivismo (Husserl, 1935/2002). Cabe também lembrar que sua crítica não era contra a ciência, mas sim em “submeter a cientificidade de todas as ciências a uma crítica séria e muito necessária, sem por isso abandonar o seu sentido primeiro de cientificidade, inatacável na correção das suas realizações metódicas” (Husserl, 1954/2012, p. 02).

Pode-se dizer que o reducionismo empirista positivista aplicado a qualquer investigação produzirá tão somente uma simples ciência dos fatos, afinal o método científico não pode sondar a subjetividade já que a nega antes de qualquer análise. Assim, Zilles (2002) afirmará que “as ciências se reduziram a puro conhecimento dos fatos, reduzindo o saber e o homem a meras coisas” (p. 37) e “o mundo expresso no modelo científico, interpretado por uma ideologia ou cosmovisão, permanece mundo, mas é um mundo mutilado ou parcial” (p. 41).

Com esse constante reducionismo, Husserl identifica a existência de uma “crise” nas chamadas “ciências europeias”, cuja origem identifica no desmoronamento da razão em mera “técnica científica”. A crise das ciências, então, como salientou Husserl (1935/2008), significa que a ciência e todo o modo como ela determinou sua tarefa e construiu seu método, se encontra sob questionamento. Não um questionamento sobre a sua cientificidade, mas fundamentalmente sobre o seu sentido de ser e fazer ciência. “O que tem a dizer a ciência sobre a razão e a não-razão”, pergunta Husserl, “que tem ela a dizer sobre nós, homens, enquanto sujeitos dessa liberdade [decisão racional]?” Nada, pois, “abstrai de tudo o que subjetivo” e, por fim, “produzem homens que só veem puros e simples fatos” (Husserl, 1954/2012, p. 03). Nela um conjunto de homens passa a formar uma cultura “decapitada”, na qual os valores e ideais são reduzidos ao objetivismo (Teza, 2015) e por isso, como preconizou Husserl:

Na miséria da nossa vida – ouve-se dizer – esta ciência não tem nada a nos dizer. Ela exclui por seu próprio princípio aqueles problemas que são os mais pungentes para o homem, o qual, nos nossos tempos atormentados, sente-se à mercê do destino; os problemas do sentido ou não-sentido da existência humana como um todo (Husserl, 1954/2012, p. 03).

Husserl (1954/2012) é levado a essa afirmação, porque na “urgência de nossa vida – ouvimos – esta ciência não tem nada a nos dizer” (p. 03) e não tem nada a nos dizer exatamente por que se esquece do mundo-da-vida, ou seja, ela não se preocupa com os significados para a vida. Isso porque o mundo descoberto é o mundo idealizado pelas

experiências, todavia as experiências positivas se esquecem do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) ou mundo da vida cotidiana, ou seja, o mundo pré-científico, aquele que é percebido exatamente como aparece à consciência (Husserl, 1935/2008). As ciências, portanto, perderam a base de sustentação e pelo distanciamento com o mundo-da-vida pararam de suprir a humanidade com significados. Afinal, “meras ciências de fatos”, nos diz Husserl (1954/2012), “fazem meros homens de fatos” (p. 03). Na acepção de Goto (2015), o diagnóstico husserliano da crise é que “a ciência moderna está carente de significados, isso quer dizer que a ciência em geral não tem respondido, e ainda, nem dado importância para a existência humana” (p. 106). A Psicologia Científica, por herdar o ideário positivista, não se encontrou imune à crise, ao contrário, afetou-a diretamente. Todavia, antes de discorrer sobre a crise da Psicologia, faz-se *mister* dissertar brevemente a relação de Husserl com o “psicologismo” recorrente da época, visto que as ideias psicologistas abriram caminho para a localização da *psique* na matéria.

Para os psicologistas, a Psicologia foi o caminho para se conhecer os fundamentos do conhecimento, pois, “o psiquismo” tem “como origem e expressão de todo o conhecimento” (Goto, 2015, p. 218). A visão psicologista contribuiu para a “alma filosófica” da Psicologia Científica, afinal se a produção do conhecimento e os atos da consciência podem ser explicados pelas instâncias psíquicas, conseqüentemente, todo esse arcabouço pode ser explicado pela fisiologia (Cardoso; Massimi, 2013). Husserl, ao perceber que suas investigações na matemática eram de base filosófica, encaminhou suas pesquisas com F. Brentano (1838-1917) e C. Stumpf (1848-1936), estabelecendo as bases psicológicas da lógica e da matemática, pois para o filósofo, ambas tinham origem nos atos psíquicos. Assim, defendeu sua tese de doutoramento intitulada “Filosofia da Aritmética: um estudo lógico e psicológico” (*Philosophie der Arithmetik Psychologische und Logische Untersuchungen*) no ano de 1891, cuja qual recebeu duras críticas do lógico-matemático Frege (1848-1925), por exemplo. Dentre as críticas de Frege, havia a acusação de psicologismo devido ao uso da psicologia para a fundamentação da lógica e da matemática (Goto, 2015; Peres, 2017). Cabe ressaltar que o próprio Husserl, meses antes de sua defesa, notificou a Stumpf, via uma carta, que seu projeto de fundamentar a análise dos números tinha fracassado (Goto, 2015).

Em seguida, Husserl, ao perceber as conseqüências epistemológicas que o psicologismo ensejava para a Psicologia, contrapôs-se veementemente a essa vertente de pensamento ao publicar em 1900 a obra “Investigações Lógicas” (Goto, 2015; Peres,

2017). Nela, insatisfeito com as análises psicológicas do pensar e suas conexões com as unidades lógicas, por justamente não permitir uma evidência verdadeira e clara, Husserl passou às reflexões críticas da psicologia e da lógica retomando “a relação entre a subjetividade do conhecer e a objetividade do conteúdo do conhecimento” (Husserl, 1900/2014, p. XIV). Diante disso, o filósofo passou a contrapor a ideia de que a consciência tem acesso exclusivamente à representação de um número (ou objeto) e não ao próprio número (ou objeto). Conclui-se, então, que segundo a análise “fenomenológica”, a consciência é intencional, ou seja, ela é sempre consciência de algo ou a consciência é sempre dirigida para um objeto, e capta o objeto tal como o objeto é (Giorgi, 2010), o objeto intencional, porém, diferentemente dos psicologistas, Husserl sugere que não seja previamente julgado como não existente e nem existente, mas que se recomece a análise.

Entretantes, ao analisar a Psicologia Científica, Husserl percebe que quando ela aderiu ao método científico com a intenção de ter o *status* de ciência reduziu a subjetividade em somente uma subjetividade empírica (Goto, 2015). Por isso, Brito, R.H.S. (2006) afirma que “de acordo com Husserl, o grande erro da gnoseologia psicologista consiste na confusão que ela faz entre a consciência pura e a consciência empírica, cuja consequência trágica é a sua naturalização” (p. 95). A Psicologia Científica operou a naturalização do psíquico sobre a pressuposto do naturalismo fisicalista, segundo o qual tudo o que existe é a natureza pensada como um sistema fechado de causalidade. A naturalização das ideias leva o naturalismo à auto-supressão e a um contrassenso, posto que, por exemplo, a própria lógica não poderia ser reduzida ao que é físico e a uma mente naturalista, pois em sendo assim perderia o seu valor *a priori*. Brito, R.H.S. (2006) diz sobre esse contrassenso o seguinte:

Para Husserl, o filósofo naturalista, ao ter por objetivo demonstrar a verdade, a beleza e a bondade cientificamente, em sua essência universal, caracteriza-se como um idealista. Porém, ao propor o método experimental como parâmetro de explicação de todas as coisas, recai no erro do objetivismo. Em última instância, o que Husserl está apontando é que o naturalista pretende fundar teorias que acabam negando a sua própria atitude idealista, o que se configura como um contrassenso evidente (Brito, R.H.S., 2006, p. 92).

Husserl (1935/2008) é enfático ao criticar a naturalização e os consequentes mal-entendidos naturalistas, pois pontua que a subjetividade é inapreensível pelo naturalismo fisicalista, já que o psíquico é irredutível ao físico. Nesse sentido, afirma Husserl que:

O erro de princípio da argumentação empírica reside em que a exigência fundamental de retorno às coisas mesmas é identificada ou confundida com a exigência e fundação de todo conhecimento pela experiência. [...] Não é, entretanto, ponto pacífico que coisas sejam coisas naturais, [...] e que aquele ato doador originário que chamamos de experiência se refira somente a efetividade natural (Husserl, 1913/2006, p. 61).

Apesar disso, a Psicologia Científica lutou para atender às exigências do método físico-matemático ao tentar compreender os fenômenos psíquicos como explicáveis pelo fisicalismo/naturalismo. No entanto, o objetivismo fisicalista, quando aplicado à compreensão da realidade psíquica, não é capaz de produzir uma análise satisfatória do mundo mental. Isso se dá porque o método físico-matemático, ao excluir tudo o que é subjetivo, esbarra com a incapacidade de apreender os fenômenos do mundo subjetivo (Husserl, 1935/2008). Todavia, a exclusão do subjetivo pelo fisicalismo sofre de um contrassenso. Isso se dá porque a objetividade não é possível sem a subjetividade que a reconheça. A Psicologia, então, ao adotar o método naturalista-positivista, pautada no mal-entendido naturalista, fracassa no próprio propósito de descobrir a alma, e, assim, em estudar o fenômeno psíquico. Esse empreendimento, portanto, que coloca de lado as questões essenciais de uma autêntica subjetividade, só poderia representar a crise da Psicologia.

A crise das ciências, como analisa Husserl (1954/2012) se deve ao afastamento do mundo-da-vida, do mundo do cotidiano, pré-científico. Como amostra dessa crise, a Psicologia Científica se afasta das questões essenciais da humanidade e perde contato com o mundo que constitui o solo e o suporte das experiências humanas, ou seja, o mundo-da-vida. A crise da Psicologia significa para Husserl, portanto, a causa de uma desorientação devido a perda da conexão com o substrato do sentido e do significado, haja vista que a Psicologia Científica desconsidera a autonomia e a soberania do espírito sobre a natureza. Por fim, a Psicologia como ciência natural deixa de cumprir a função de outrora – uma ciência do espírito –, e assim, nada tem a dizer à humanidade e sobre as suas angústias vitais (Gomez-Heras, 1989).

Dessa maneira, insiste Husserl (1913/2006) que: “Se ‘positivismo’ quer dizer tanto quanto fundação, absolutamente livre de preconceitos, de todas as ciências naquilo que é positivo, ou seja, apreensível de modo originário, então somos nós os autênticos positivistas” (p. 64). Diferentemente desse empirismo e positivismo, Husserl ergue a

Fenomenologia⁵ e a Psicologia Fenomenológica, como a única possibilidade de se obter a fundação de ciência autêntica, um genuíno conhecimento rigoroso e científico das coisas.

4 A crise das ciências e a crise da Psicologia por Farias Brito

O filósofo Farias Brito foi um dos precursores do pensamento filosófico brasileiro, tendo defendido que a Psicologia deveria se importar com a subjetividade da consciência e com a crise existencial da humanidade, o que torna sua filosofia semelhante ao pensamento fenomenológico e existencialista (Cerqueira, 2010; Holanda, 2009; Sturm, 1962). Farias foi um filósofo da “estirpe de filósofos cuja preocupação essencial se constitui no problema mesmo da filosofia: o conhecimento de si como espírito ou consciência” (Cerqueira, 2010, §7), e é nesse ponto que se encontra a unidade e a identidade da obra britiana.

Nesse sentido, Farias Brito demonstrou um amplo arcabouço de conhecimento ao analisar na obra “Mundo Interior” (1914), por exemplo, os pensamentos de: W. James, I. Kant, A. Comte, A. Schopenhauer, H. Spencer, X. Renouvier, W. Wundt, Spinoza, R. Descartes, D. Hume, entre outros (Brito, 1914/2013). Ele buscou ao longo da própria obra compreender a totalidade da natureza humana e como o humano está perante a realidade histórica e universal (Quadros, 2010). Foi ainda um crítico do Positivismo e do Criticismo, e teve influências que vão desde Antônio Vieira, perpassando por Gonçalves Magalhães e Tobias Barreto (Carvalho, 1977; Cerqueira, 2008).

Ainda, Farias Brito foi um pensador guiado pela razão e muito influenciado pela incipiente filosofia brasileira que tinha por conexão o pensamento acerca do espírito e do conhecimento de si presentes em Tobias Barreto e Gonçalves Magalhães. Além dele, a ideia de que o ser humano que domina a si é capaz de dominar as coisas como uma força presente e atuante na natureza “aparece de maneira infusa no romance de Machado de Assis e na poesia de Augusto dos Anjos” (Cerqueira, 2008, §38). Farias Brito reforçou também em “solo brasileiro” essas ideias que valorizavam o espírito, a subjetividade e, conseqüentemente, a uma Psicologia humanística. Consciente do empobrecimento que as

⁵ Rodrigues (2018) apresenta a diferença entre a Fenomenologia e o Fenomenismo da seguinte forma: “Assim a fenomenologia, conforme concebida nesses termos, se distingue do fenomenismo histórico e filosófico uma vez que o significado fenomenológico do mundo não se expressa somente no aparecer do fenômeno, mas também no sentido ou significado de ser deste aparecer. Daí o fenômeno e seu sentido tornam-se inseparáveis, transformando a fenomenologia em uma ciência do que aparece à consciência juntamente com o sentido desse aparecimento” (p. 61).

ideias positivistas causaram e consonante com a pedra de toque da filosofia brasileira, o filósofo brasileiro detectou a necessidade do retorno à consciência de si e, nessa trajetória, percebeu que o entendimento do cogito cartesiano que possibilitou a distinção do mundo entre subjetivo e objetivo, deveria ser outro. A relação condicional do “Penso, logo existo” induz à premissa da existência física do sujeito, todavia “pensar” nos permite concluir o espírito enquanto espírito, ou seja, do pensar se pode concluir a existência do pensamento. Em suma: “Penso, logo existe meu pensamento” (Brito, 1914/2013).

No Brasil, o Positivismo adentrou na transição do Império para a República, sendo importante inclusive na mudança de regime político, pois teve bastante destaque na formulação e na organização da república nascente. As ideias positivistas ganharam guarida, principalmente, nas escolas acadêmicas militares e na classe governante do início da república, ganhando muito entusiasmo entre os artistas, filósofos, políticos e imprensa, por representar uma modernização de ideias (Santos; Santos, 2012). Quanto ao Positivismo, estamos diante de uma corrente filosófica inaugurada por Augusto Comte (1798-1857), segundo o qual vislumbrou o desenvolvimento da humanidade a partir de três estágios, sendo o primeiro o estágio “infantil” marcado por uma compreensão de mundo orientado por noções míticas e teológicas. O segundo estágio teria sido o lógico- metafísico caracterizado pela construção de sistemas filosóficos que buscavam abarcar a realidade. Por fim, o estágio mais avançado, superior, ou seja, o positivista, cuja característica essencial consistiria na busca por explicações científicas sobre os fenômenos do mundo (Comte, 1848/1976).

Quanto ao criticismo, Immanuel Kant (1781/2000) foi um filósofo que propôs uma crítica da razão no sentido de estabelecer os limites e as condições de possibilidade do conhecimento. Em sua investigação, o filósofo prussiano propõe que todo conhecimento tem seu começo na experiência, mas sua formatação e categorização dependem da ação das faculdades sensitivas e cognitivas do humano. Dado que todo conhecimento é trabalhado por essas faculdades, que incluem as formas pura da sensibilidade e as categorias do entendimento, temos acesso somente à matéria configurada do conhecimento e não ao material pré-formatado. Isso significa que a coisa em si é inacessível enquanto tudo que podemos ter acesso é o fenômeno.

Segundo Farias Brito (1914/2013), o criticismo kantiano leva à compreensão de que as propriedades da matéria são todas impressões de nossa sensibilidade, isto é, qualidades materiais que são percebidas pelos sentidos humanos conquanto aquilo que a matéria é em

si mesma não pode ser por nós conhecida. Dado isso, a coisa em si passa a se relacionar com aquilo que a coisa é em distinção ao modo como aparece. A consequência de tal compreensão seria a de que tudo que supomos conhecer não passa de uma aparência, de modo que o criticismo não é outra coisa senão uma renovação do ceticismo.

Então, enquanto o criticismo kantiano leva a um ceticismo em relação ao conhecimento, para Brito (1914/2013), o Positivismo se estabelece num dogmatismo fenomenista, no sentido de admitir a existência somente daquilo que é sensível, do dado posto, evitando toda realidade do espírito; e, por consequência, do distanciamento de tudo que é espiritual. Os positivistas materialistas defendem a ideia de que nós mesmos, os entes humanos, somos matéria. E, dado que a via de acesso à matéria é o método empirista quantitativo, até a mente humana poderia ser estudada por parâmetros matemáticos, sendo essa a finalidade de uma Psicologia positiva. Mas tal argumentação, segundo o filósofo brasileiro, é uma contradição, porque aceitar a matéria e negar o espírito só pode ser uma atividade de um espírito que nega ou aceita, portanto, a exclusão de tudo que é do espírito em nome da crença exclusiva na matéria é um contrassenso.

Ao discordar de Comte e de algumas inconsistências na filosofia positiva, o filósofo cearense destacou a tentativa dessa filosofia em se distanciar de qualquer “absoluto” (e da metafísica, conseqüentemente) pelo princípio da relatividade dos saberes inerentes ao positivismo. Todavia, essa mesma filosofia / técnica tem por premissa a imutabilidade das leis naturais que é um princípio absoluto. Ora, é uma incoerência tentar fugir da metafísica e do absoluto pelo princípio da relatividade e, ao mesmo tempo, ter por fundamento um princípio absoluto (Brito, 1914/2013).

Ainda, o filósofo brasileiro também teceu outras críticas, visto que para ele a consciência não pode ser explicada apenas pela materialidade das categorias do espaço, do tempo e da causalidade, uma vez que os fenômenos naturais não se reduzem aos fenômenos materiais, antes os fenômenos naturais são compostos por fenômenos materiais e por fenômenos subjetivos (Brito, 1914/2013). Sobre essa questão, Carvalho (1977, p. 16) comenta que para Farias Brito existe “duas modalidades de investigações: a física que estuda a matéria e o movimento; e a metafísica que analisa o sentimento. A psicologia, ao estudar o sentimento, se confunde desta forma com a própria metafísica”. Destarte, a Psicologia Científica, por estudar o aspecto material e ao mensurar as sensações em uma tentativa limitada de, pelo cálculo, determinar o equivalente mecânico da consciência, incorre no erro de reduzir o fenômeno e a consciência, e procura conciliar ideias

incompatíveis. Brito, R.H.S. (2006) inclusive diz que essa crítica é compartilhada por Husserl, que:

Evidenciou os principais (dentre vários) equívocos da doutrina naturalista: a naturalização e/ou objetivação da consciência, isto é, a explicação do psíquico, do espírito ou da consciência objetivamente, segundo a metodologia experimental, ignorando o que no psíquico há de mais específico, que é o seu caráter transcendente; a naturalização das ideias, suprimindo tudo o que possui uma significação unicamente ideal; e a naturalização da liberdade, ou seja, a tentativa de previsão dos atos humanos, de modo a consolidar uma “ciência” na ordem moral (p. 57).

Dessa forma, ambos criticam o conceito “pobre” de natureza do naturalismo, haja vista que é uma natureza parcial que exclui a totalidade da existência (Brito, R.H.S., 2006), afinal “o ser consciente, o ser que é o princípio dos fenômenos psíquicos, é, de si mesmo, misterioso e estranho, imperceptível e vago; e os seus fenômenos não podem ser estudados nas mesmas condições que os fenômenos da realidade exterior” (Brito, 1914/2013, p. 56). Para o filósofo, então, é forçoso concluir que fenômenos complexos como os psíquicos variam ao infinito e a pretensão de enquadrá-los experimentalmente é inócua (Brito, 1914/2013).

Ademais, qual a função da Psicologia se não fosse para instruir sobre as questões essencialmente humanas? Para que serviria o psicólogo incapaz de auxiliar no entendimento do espírito? Brito (1914/2013) denomina, por isso, tais psicólogos – os que tentam dar uma interpretação objetiva dos fatos – de “psicólogos de gabinete” e os acusa de praticarem uma “psicologia sem alma”. Quando defrontados com impotência do inexplicável pela ciência que apregoam, esses psicólogos alegam que a Psicologia é, ainda, uma ciência rudimentar, e se utilizam de três respostas básicas: “não há ainda para esse fato interpretação positiva; a ciência é ainda, a esse respeito, indecisa; é preciso esperar que com a experiência se faça a luz sobre esse ponto” (Brito, 1914/2013, p. 44).

Mas, essa crítica não se limita à Psicologia. Farias Brito faz um diagnóstico que abrange uma “crise” nacional ⁶e da humanidade promovida por esse objetivismo

⁶ “Havia na mente de Farias Brito um sentido profundo dos problemas políticos e sociais da nova República brasileira, e a relação entre a crise nacional e a situação da cultura europeia desde os tempos do Renascimento. A ordem velha estava em plena desintegração especialmente [...] depois da guerra com o Paraguai até os eventos de 1889 que estabeleceram a República [...] A crise pela qual passava o Brasil, naquele tempo, ele interpretou como a manifestação duma crise maior e mais profunda, isto é, a crise da cultura ocidental. A necessidade: reconstruir a ordem social. Mas, visto que a realidade social se fundamenta em bases éticas, precisa-se dum lançamento de novas bases morais [...] Eis a sua vocação! Da perspectiva britânica, a preocupação com questões metafísicas relacionava-se diretamente à necessidade de dar solução à crise brasileira que tanto o angustiava [...] A consciência dum estado de crise em toda a existência, individual

positivista. Sturm (1962) equipara o diagnóstico da crise feito por Farias ao daquele de Husserl, pois a “escuridão” percebida pelo brasileiro não se restringia ao Brasil, mas significava uma crise da cultura ocidental, sendo seus responsáveis os partidários do positivismo. Assim,

[...] realmente, suprima-se todo o sentimento, toda a percepção, todo o conhecimento, e que significação tem o mundo? Em vão desenvolver-se-á a substância infinita no espaço, em vão brilharão os sóis e as constelações. Desde que não haja nenhum ser capaz de conhecer, nenhum ser capaz de sentir e perceber o que existe, todo o Universo equivale a nada (Brito, 1914/2013, p. 342).

O filósofo brasileiro por diversas vezes fez alusão à crise da humanidade utilizando-se de metáforas, pois queria deixar evidenciado as consequências das filosofias do desespero e do ceticismo para a humanidade. Dessa forma, ele faz alusão à escuridão, trevas, noite, pesadelo etc., em frases bem articuladas para demonstrar ao leitor a sua preocupação. Diz ele: “é como se a humanidade acordasse do **pesadelo de uma longa noite de delírios e de trabalhos insanos**, em luta contra fantasmas desconhecidos e contra a iminência do aniquilamento universal” (Brito, 1914/2013, p. 69, grifo nosso). Ainda, “as conclusões tremendas da filosofia do desespero **são, pois, apenas um mau sonho**, e só podem explicar-se como uma espécie de delírio do espírito; e a consciência, feita a volta do mundo, irrompe **do seio mesmo das trevas**” (Brito, 1914/2013, p. 71; grifo nosso); “e quantas vezes realmente não vem do passado [...] a centelha que nos inflama a alma [...], **clarão imprevisto a iluminar as trevas da consciência** [...] fazendo-nos voltar ao caminho perdido **na escuridão da noite impenetrável?**” (Brito, 1914/2013, p. 261, grifo nosso)

Uma preocupação que fez o filósofo cearense se dedicar com tanta veemência e eloquência para a crise estava em relação ao método científico-positivo, principalmente aplicado à Psicologia, pois reduziria a própria condição humana. Mostra-se oportuno salientar que Farias Brito também combateu a ideia mecanicista de que o pensamento/alma/espírito era uma mera secreção do cérebro. Afinal, o que seria do cérebro sem os órgãos dos sentidos? O que seria dele sem o coração, o pulmão etc.? É forçoso concluir que o cérebro depende dos outros órgãos, como os outros órgãos dependem dele. Da mesma forma, o espírito para se manifestar depende do cérebro, uma vez que esse é

e social, está sempre presente, ao menos implicitamente, em quase toda a obra de Farias Brito” (Sturm apud Brito, R.H.S., 2006, p. 67).

instrumento daquele (Brito, 1914/2013), mas e o cérebro sem o espírito?

Essa confusão da psicofísica tem raiz nessa interpretação equivocada de que o cérebro é o produtor do pensamento, como se ele tivesse importância suprema, enquanto ele é apenas mais uma engrenagem da totalidade. Então, influenciado pelo conceito de duração de Henri Bergson (1859-1941), Farias Brito mostra que a própria tentativa de mensuração feita pela psicofísica e pela psicofisiologia é contraditória, porque ela pressupõe que os fatos psíquicos possuem características tais como os fatos materiais, ou seja, creem que os fatos psíquicos não se interpenetram, não se confundem, não se modificam mutuamente; que um fato do presente não modifica um fato do passado etc. (Brito, 1914/2013). Como mensurar algo tão plástico e volátil como os atos psíquicos? E qual importância teria para a existência humana a parcela mensurável do funcionamento cerebral que não a mera compreensão cerebral?

Farias Brito não nega a relevância da ciência positiva na compreensão e no domínio dos fatos materiais. O materialismo teve grande êxito e predominou no pensamento da ciência devido à grande importância que as disciplinas da Física e da Química tiveram, sendo que “estas ciências atingiram um alto grau de perfeição com a aplicação do método experimental e deram ao mesmo tempo lugar aos mais fecundos resultados práticos” (Brito, 1914/2013, p. 349). Obviamente, essa influência foi exercida nos mais diferentes pensadores e cientistas.

Um destaque dessa influência foi a negação da “coisa em si”, pois, para Brito (1914/2013), os naturalistas deturparam o positivismo, haja vista que o positivismo não nega a “coisa em si” nem as causas primárias ou finais. O Positivismo simplesmente afirma a impossibilidade de apreendê-las com o conhecimento ou a cognição possível à época, o que definitivamente não é sinônimo de inexistência. Já para o Criticismo de Kant era impossível conhecer a realidade, restando apenas estabelecer os limites da razão. Assim, aqueles que matam a “coisa em si”, o fazem com a justificativa de que ao ser humano é possível apenas a apreensão das representações dos objetos, ou seja, a “coisa em si” é inacessível, restando apenas a representação da coisa (Brito, 1914/2013). Dessa maneira, na acepção de Farias Brito, qualquer pensamento fundamentado apenas na ideia de representação e de fenômeno recai no psicologismo (Brito, 1914/2013).

A questão consequente a ser levantada é o que seria o conhecimento científico de um objeto senão a representação dele na linguagem científico-matemática? Não seria um contrassenso criticar a cognoscibilidade da “coisa em si” pelo argumento da representação,

sendo que a própria ciência positiva produz meras representações? O filósofo brasileiro contrapõe-se a essa vertente com esse pensamento lógico, porém ainda afirma:

Esta concepção é falsa. Há como elementos constitutivos do conhecimento não três, mas somente dois princípios: a consciência em nós e os corpos ou a natureza exterior fora de nós, o princípio que conhece e as coisas que são conhecidas. Quanto ao que se chama representação, é já o conhecimento mesmo (Brito, 1914/2013, p. 301).

Então, dando continuidade, Rodrigues (2018) destaca que tanto para Brito, quanto para Husserl, o fracasso da explicação objetiva dos fenômenos psíquicos pela Psicologia Científica se deve a: “(i) assumir como modelo único de conhecimento a ciência da natureza, (ii) conceber a mente como no mundo à semelhança dos próprios corpos somáticos e concretos [...], e (iii) por não alcançar seu objetivo máximo em ser uma ciência da subjetividade” (p. 57). Farias Brito ainda aponta dois pontos: o primeiro diz respeito ao esquecimento do sujeito e, em segundo, à supressão da moralidade (Brito, 1914/2013). A questão moral é a maior preocupação do filósofo cearense em toda a sua obra (Carvalho, 1977), por isso ele se debruçou em pensar uma psicologia que desse conta de abarcar o espírito humano, e assim, concebeu a ideia da “Psicologia Transcendente”.

5 Considerações Finais

A ciência positiva se tornou dominante no mundo acadêmico e influenciou a cultura moderna, principalmente, pelo sucesso da técnica no domínio humano sobre alguns aspectos da natureza e pela inserção da tecnologia produzida na vida da humanidade. Todavia, esse destaque legítimo reverberou para além dos aspectos objetivos, já que atingiu o âmago da subjetividade, das ciências humanas, ocasionando graves problemas epistemológicos.

De modos distintos, E. Husserl e Farias Brito foram dois filósofos que denunciaram os diversos mal-entendidos e as inconsistências do Positivismo / Naturalismo, como também teceram várias críticas à Psicologia Científica como ciência resultante e exemplar desses mal-entendidos. Frente a essas questões, esse estudo procurou evidenciar essa “crise” da ciência em Edmund Husserl e em Farias Brito, bem como as críticas de ambos à Psicologia Científica com “Psicologia sem alma”.

A Psicologia Científica ganhou bastante espaço nos meios acadêmicos pela

influência do êxito das outras ciências positivas e pelo viés naturalista materialista do século XIX em diante, sendo hoje a Psicologia reinante. Todavia, essa ciência se pauta em uma epistemologia e em uma ontologia que procuram desconsiderar os aspectos propriamente subjetivos em detrimento daqueles passíveis de objetivação (mensuração). Essa guinada objetivista produziu a denominada “crise na humanidade”, como explicitada por E. Husserl em sua Fenomenologia Transcendental e por Farias Brito em sua obra, em que alertou diversas vezes para a “escuridão” promovida pelas filosofias do desespero.

Husserl, embora reconheça o avanço da ciência moderna, diagnosticou uma crise provocada pela utilização do método positivo nas ciências humanas, em especial na psicologia, haja vista que a análise científico-experimental já pressupõe apenas o estudo da objetividade, eliminando os aspectos subjetivos. Desse modo, a humanidade entra em crise pois se afasta da razão como guia para a verdade e com isso deixa de buscar respostas para as questões vitais para os homens. Nesse sentido, as ciências se desconectam do mundo-da-vida, mundo esse originário das experiências humanas, do sentido e do significado. O fenomenólogo, portanto, afirma que da mesma forma que há o descobrimento da matéria, há o encobrimento das essências pela ideia totalizante do naturalismo. Assim, temos como principal amostra desse posicionamento a Psicologia que, ao se afastar das questões essenciais da humanidade, perde seu contato com o mundo-da-vida, levando a uma desorientação racional e técnica, por desconsiderar a autonomia e a soberania do espírito sobre a natureza e, conseqüentemente, deixar de cumprir a função de outrora – ciência do espírito, ou seja, a de buscar a constante busca pelas respostas às angústias humanas vitais.

Farias Brito, por sua vez, foi um crítico do positivismo e do criticismo de Kant. Ele resgatou o significado de espírito como a fonte dos fenômenos subjetivos ou não-materiais, e propôs uma ciência do espírito, haja vista que a consciência não se explica pela ciência natural. Entendeu que as mensurações e o cálculo produzem ínfimas informações sobre ela, mas não possibilita o acesso às coisas em si. Dessa maneira, que o filósofo brasileiro criticou a Psicologia Científica, passando a caracterizá-la de “Psicologia sem alma”, cujos psicólogos que a praticam são “psicólogos de gabinete”. Assim, Farias Brito detecta então uma “escuridão” provocada pelo materialismo, em que o sentido e o valor da vida ficam obnubilados. Farias Brito, embora reconheça o valor da ciência natural, propõe uma nova psicologia, uma psicologia capaz de atingir o mundo humano na totalidade, a Psicologia Transcendente.

A partir dessas críticas, tem-se, portanto, que há convergências entre as críticas husserlianas e britiana no que se refere a ciência positivista e a Psicologia Científica. Entende-se que são convergentes porque ambos denunciaram o equívoco da transposição direta do método positivo para as ciências humanas, mesmo reconhecendo o valor das descobertas proporcionadas pela ciência natural. Ainda, explicitam como essa atitude impossibilitou o acesso à subjetividade, principalmente pela ciência psicológica que, pautada no método positivo, não atenderia a totalidade do ser humano, nem responderia às questões humanas essenciais. Por conta disso, Husserl diagnostica uma crise na humanidade europeia e Farias Brito também detecta que o mundo se fez treva, ou seja, uma “escuridão” pairou sobre o pensamento humano.

Por fim, podemos concluir que, apesar de terem identificado uma crise das ciências e, em especial, na Psicologia, Husserl e Brito seguiram caminhos diferentes. Husserl se preocupou em analisar como se origina e desenvolve o conhecimento e, por ser matemático, iniciou na própria análise da lógica e dos números. Percebeu no início dessa empreitada que caíra no psicologismo e, por grande influência de Franz Brentano, começou a conceber um modo de analisar – a Fenomenologia - como um método e uma ciência que reconduziria a humanidade ao mundo-da-vida, mundo em que toda ciência tem seu substrato e cujo qual jamais deveriam se afastar. Em contrapartida, Farias Brito parte da questão moral como principal preocupação, principalmente pela influência da filosofia brasileira que tinha por conexão o pensamento acerca do espírito e do conhecimento de si presentes em Tobias Barreto e Gonçalves Magalhães. Nesse contexto, preocupou-se com o reavivamento do espírito e da ciência do espírito, e reelaborou uma nova perspectiva da coisa em si. Agora, cabe-nos um estudo mais aprofundado sobre a semelhança e distinção dos caminhos de ambos, ou seja, o paralelismo entre suas preocupações e filosofias para explicitar como dois filósofos que não se conheceram nem indiretamente puderam por trajetórias tão distintas chegarem a análises e conclusões filosóficas semelhantes.

Referências

ABIB, J. A. D. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009.

AGOSTINHO. **A verdadeira religião**. São Paulo: Editora Paulinas, 1987.

ALMADA, L. F. **A ideia de filosofia como ciência do espírito no Brasil**. Rio de Janeiro.

Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

ALMADA, L. F. Psicologia como ciência: comportamento, introspecção e consciência. **Revista AdVerbum**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 68-85, jan./jul. 2008.

ARAÚJO, S. DE F. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 209-220, 1 jun. 2009.

ARISTÓTELES. **Física**. Madrid: Editorial Gredos, 1995.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

BRENTANO, F. **Psicologia**. Madrid: Revista de Occidente, 1874/1935.

BRITO, R. F. **O Mundo Interior**: Ensaio Sobre os Dados Gerais da Filosofia do Espírito. Uberlândia-MG: Edufu, 1914/2013.

BRITO, R. H. S. **A crítica do naturalismo na filosofia brasileira do século XIX**. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp018634.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

CARDOSO, C. R. D; MASSIMI, M. Contribuições de Edith Stein para a Fundamentação Filosófica da Psicologia Científica. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 188-199, 2013.

CARVALHO, L. R. **A Formação Filosófica de Farias Brito**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Fenomenologia e Psicologia Experimental no Início do Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 403-410, 2015, Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032125403410>.

CERQUEIRA, L. A. **Maturidade da filosofia brasileira**: Farias Brito. 2008. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2008/08/maturidade-da-filosofia-brasileira.html>.

CERQUEIRA, L. A. **Farias Brito e a ideia de filosofia brasileira**. 2010. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2010/03/farias-brito-e-ideia-de-filosofia.html>.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1848/1978.

COMTE, A. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: USP, 1848/1976.

COSTA, I. I. D.; GOTO, T. A.; HOLANDA, A. F. Fenomenologia Transcendental e a

Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 10, n. 3, p. 38-53, 2018.

GIORGI, A. **Psicologia como ciência humana**: uma abordagem de base fenomenológica. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1978.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. *In*: Poupart, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

GOTO, T. A. **Introdução à Psicologia Fenomenológica**: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo, SP: Editora Paulus, 2015.

HALL, A. R. **A revolução na ciência 1500 – 1750**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.

HEIDBREder, E. **Psicologias do século XX**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

HENRY, J. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

HERRNSTEIN, R.J; BORING, E.G. **Textos básicos de história da Psicologia**. São Paulo: Herder/EDUSP, 1971.

HOLANDA, A. Fenomenologia e Psicologia: Diálogos e interlocuções. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia, GO, v. 15, n. 2, p. 87-92, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.18065/RAG.2009v15n2.1>.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia (Die Krise der europäischen Menschlichkeit und Philosophie)**. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1935/2002.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia (Die Krise der europäischen Menschlichkeit und Philosophie)**. Covilhã, Portugal: LUSOSOFIA, 1935/2008.

HUSSERL, E. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma introdução à Filosofia Transcendental (Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendentale Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie)**. Walter Biemel (Ed.), Diogo Falcão Ferrer (Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1954/2012.

HUSSERL, E. **A filosofia como ciência de rigor (Philosophie als strenge Wissenschaft)**. Coimbra: Atlântica, 1911/1965.

HUSSERL, E. A ingenuidade da ciência (Die Naivität der Wissenschaft). **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-667, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000400008>.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie)**. São Paulo, SP: Ed. Idéias e Letras, 1913/2006.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas – primeiro volume: prolegômenos à Lógica Pura**. Rio de Janeiro, RJ: Forense, 1900/2014.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas: volume 2: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento (Logische Untersuchungen. Zweite Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis)**. Rio de Janeiro, RJ: Forense, 1901/2012.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Tradução: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1781/2000.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, SC, v. 10, n. esp, 37-45, 2007. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

MARÍAS, J. **História da Filosofia**. Lisboa: Edições Sousa & Almeida, 1982.

MICHELI, A.; TORRES, P. I. En torno a la evolución del pensamiento científico. **Archivos de cardiología de México**, México, v. 85, n. 4, p. 323-328, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1016/j.acmx.2015.06.003>.

MISIAK, H. **Raíces filosóficas de la Psicología**. Buenos Aires: Troquel, 1969.

MULINARI, F. Fundamentos metafísicos da ciência moderna: uma análise. **Pensando Revista de Filosofia**, Teresina, PI, v. 6, n. 12, p. 69-80, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/pensando.v6i12.4357>.

PERES, S. P. Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, Toledo, PR, v. 1, n. 2, p. 63-84, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/18209/11915>.

QUADROS, E. M. Existencialismo e Fenomenologia em Farias Brito sob a perspectiva de Fred G. Sturm. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, PR, n. 108, p. 73-80, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9365>.

REALE, G. **História da Filosofia Grega e Romana**. Vol. III/ Platão. São Paulo: Loyola, 2007.

RODRIGUES, E. G. **A consciência de si como liberdade e ação moral: evidências imanentes e transcendentais do espírito**. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, G. L. Motivação e Liberdade: A superação do determinismo psicofísico na investigação fenomenológica de Edith Stein. **Kairós - Revista Acadêmica da Prainha**, Fortaleza, Ce, v. 8, n. 2, p. 216-234, 2011.

SANTOS, R. M. S.; SANTOS, J. O. O positivismo e sua influência no Brasil. **Revista Brasileira de Filosofia e História**, Campina Grande, PB, v. 1, n. 1, p. 55-59, 2012. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH/article/view/2482>.

STURM, F. G. **O significado atual do pensamento britiano**. 1962. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2008/06/o-significado-atual-do-pensamento.html>.

TEZA, R. D. O significado de “objetivismo” em Husserl: caminho para descobrimento e encobrimento. **Kínesis**, Marília, SP, v. 7, n. 15, p. 120-134, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2015.v7n15.5708>.

VARGAS, C. E. C. **Para uma Filosofia Husserliana da Ciência**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

WUNDT, W. **Compendio di psicologia**. 1900/2004. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lb001047.pdf>.

ZILLES, U. A fenomenologia husserliana como método radical. *In*: Husserl, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 6-42.